

# O Potiguar

Ano IX

Nº 45

Agosto/Setembro 2006

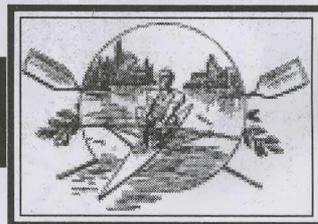
Distribuição Gratuita



## Henrique Brito

o inventor do violão elétrico

**DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS**



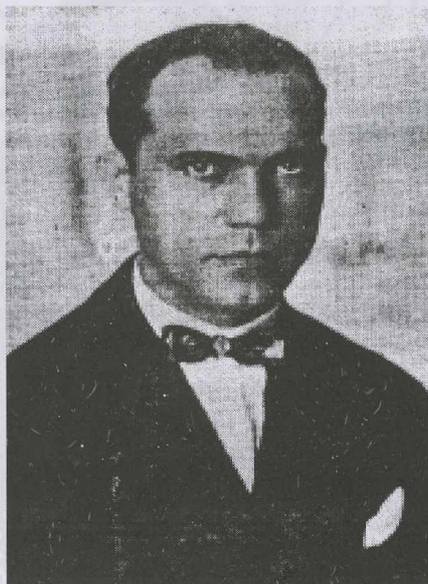
**Cícero Rufino Aranha**

**D**uas das maiores instituições desportivas potiguares - o ABC Futebol Clube e o Centro Náutico Potengi-receberam de Cícero Rufino Aranha, desde as suas fundações, respectivamente, em 29/06/1915 e 03/10/1915, contribuição efetiva daquele inolvidável esportista do Rio Grande do Norte.

Com o seu irmão Sólton Rufino Aranha foi um baluarte para a vida do ABC, participando, como seu presidente, a partir da 2ª diretoria em 03/6/1917 e, depois, eleito e reeleito de 1922 até dezembro/1924, tendo feito excepcional administração ao lado de abcdistas abnegados - Júlio Meira e Sá, José Potiguar Pinheiro, João Emílio Freite, Sólton Aranha, José Paes Barreto, Enéas Reis, José Tavares da Silva, Gentil Ferreira de Souza, Felizardo Firmo de Moura, Vicente Farache Neto, dentre outros.

Menor não foi o seu empenho aos esportes náuticos do Rio Grande do Norte, quando cerrou fileiras com

Aníbal Leite Ribeiro na fundação do Centro Náutico Potengi, contribuindo decisivamente para que aquele clube tivesse conseguido consagrador destaque na história dos esportes



náuticos, no território potiguar. Fez parte de lá, diretoria do CNP, com Leite Ribeiro, Luiz Potiguar Fernandes, Jaime Aranha, bem como

na 4ª diretoria, com Leite Ribeiro, Oscar Wanderley, Luiz Antônio Couto dos Santos Lima, Sólton Galvão e Enéas Reis, com posse em 3/10/1920.

Além de desportista, era um cidadão culto, honestíssimo e de alta competência profissional. Foi por muitos anos, nos governos de José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine, diretor geral da Fazenda do Estado.

Velho amigo de Aníbal Leite Ribeiro e seu companheiro de todos os momentos do CNP, publicou em "A República", de 19/03/1925, um belo e histórico trabalho traçando a figura fantástica do desportista, publicando sua última carta que terminava com estas palavras dramáticas "Salva o Centro Náutico Potengi, não o deixes morrer, eu te peço na hora suprema de minha morte".

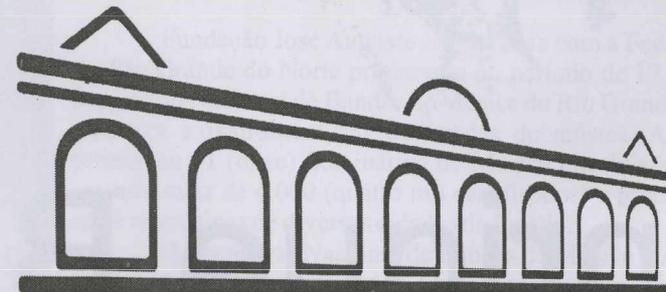
*Luiz G. M. Bezerra*

**EXPEDIENTE**

- Diretor - João Gothardo D. Emerenciano
- Editor - Moura Neto
- Revisão - João Gothardo D. Emerenciano  
Giuliano Emerenciano Ginani
- Programação Visual - Flávio Menotti
- Capa - Vieira
- Gerente Comercial - Carlos Frederico Câmara
- Impressão - Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.


**FUNDAÇÃO CULTURAL Capitania das Artes**

Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956

**PREFEITURA DO NATAL**  
A NOSSA CIDADE

# Se meu passat falasse

Um carro. Eis aí o símbolo de status para qualquer pessoa. Principalmente para o artista. No Brasil, onde a situação financeira de cada artista jamais é proporcional ao sucesso por este obtido, muitas vezes o cara é famoso... E tem que andar a pé. Se esta observação vale para muitos artistas que conseguem se projetar nacionalmente, imaginem um artista cujo sucesso é apenas regional...

Quando minha música "Garotinha" estourou, embora minha situação financeira tivesse melhorado, eu não dispunha de dinheiro suficiente para comprar sequer semi-novo. E ia, pouco a pouco juntando um dinheirinho para sair daquela situação incômoda. Comecei então a ter problemas, pois à medida que eu ficava cada vez mais conhecido, tornava-se bastante desgastante para mim, ser reconhecido nos ônibus, ou na rua. Em pouco tempo, minha situação tornou-se insustentável. Por isso, no mês de Dezembro de 1984, eu juntei minhas economias e comprei na Pedra (Local na Avenida 10 onde havia um ponto de compra e venda de carros usados) um Passat ano 74. Com apenas 10 anos de uso (segundo as palavras do vendedor), aquele carro cuja cor amarela, e com quem eu conviveria durante 10 longos meses, me proporcionou duas das maiores alegrias da minha vida: a primeira, ao comprá-lo, a segunda, ao conseguir me livrar dele.

Com o passar dos dias, meu mamão disfarçado de automóvel tornou-se uma fonte inesgotável de problemas para mim: com o motor roncando, o nível do óleo baixando frequentemente e o radiador ameaçando ferver se eu passasse dos 70 quilômetros por hora, o meu querido carango me obrigou a andar sempre



com alguém ao meu lado, pois se eu desligasse o motor, ele só pegava no empurrão. Quando eu não encontrava alguém para me fazer companhia, o jeito era estacionar o amarelão, fechar as portas sem travar e deixar o motor funcionando, com a chave na ignição (eu tinha certeza que ninguém teria coragem de roubar "aquilo"). A bordo daquela geringonça amarela passei por vários vexames...

Festa de São Sebastião. A bordo do meu protótipo automobilístico futurista, eu transitava tranquilamente pela rua Leão Veloso (Avenida 05) no bairro do Alecrim, lá pelas oito horas da noite. Como sempre, centenas de pessoas comemoravam a festa de São Sebastião. A animação corria solta, havia inúmeras barracas armadas, mesas espalhadas pelas calçadas. Um parque de diversões, além de fazer a festa da garotada, tocava, através do seu serviço de alto-falantes, os sucessos do momento. Eu vinha da Avenida 12 no meu carrão amarelo rumo à Avenida 09, dirigindo devagar entre os transeuntes. De repente, comecei a ouvir os acordes de "Garotinha", que "alguém, com muito amor e carinho, oferece a uma linda garota trajando vestido azul claro". Minha música, naquela época, já começava a despontar em todo o Norte e Nordeste. Emocionado ao ver que algumas pessoas cantavam e

dançavam ao som de "Garotinha" eu me distraí e de repente aconteceu a única coisa que jamais poderia ter ocorrido naquele momento: meu Passat estancou. Tentei fazer o motor funcionar, mas tudo o que consegui, foi fazer aquela marmota amarela dar alguns pulos, assustando algumas pessoas e chamando a atenção de outras. Ouvi, então uma voz

gritar: "É o cantor Fernando Luiz". Fiquei vermelho. Outra voz bradou: "Vamos empurrar o carro do cantor". Fiquei da cor do Passat.

Em poucos instantes, um pequeno batalhão de voluntários empurrava meu carro que, aos solavancos foi avançando entre as pessoas. Suando, coração acelerado, eu decidi apelar para o céu: comecei a rezar o Pai Nosso e pisei no acelerador. Deus me ouviu: o velho Passat "pegou" e pulando entre as pessoas, avançou aos poucos, deixando atrás de si um rastro de fumaça e um cheiro de óleo queimado que fazia tossir e lacrimejar quem estivesse por perto. De repente, alguém berrou: "O carro do cantor é mamão!" Começou então uma gritaria generalizada e só quando eu comecei a me afastar da multidão, pude ouvir pelo serviço de alto-falante: "Vem, garotinha bela, qual o nome dela, não sei não senhor..." Quanto mais eu me distanciava, tinha a impressão de que um coral de dezenas de vozes cantava em minha homenagem, não o refrão de Garotinha, e sim outro refrão que alguém, no meio da multidão, havia criado, minutos antes: "O carro do cantor é mamão, o carro do cantor é mamão, o carro..."

Fernando Luiz\*

\*Cantor e Compositor

## O cão de Luís da Câmara

**L**á vem a doidinha da lua suspensa pelo fio da imaginação! – declama um poeta transeunte defronte às portas cerradas do “Cova da onça”. Um bafo de vento morno escorre pelo “Buraco da velha”, vindo dos rorros altos que limitam a cidade da pancada do mar. É luar paraselênio, lua bolandeira que prenuncia as próximas chuvas. Os notívagos vão se encontrar e haverá esbórnia e furdunço porque é linda a noite e os homens são grandes crianças.

-E eles vêm em pequenas levadas ou solitários, galgam o meio-fio e o degrau da peixada Potengi. Os do Gango-tetéu – Zé Alexandre, Roberto Freire, Luís de Barros, presentes. Representando o Clube dos inocentes – Zé Melquíades e Saturnino Do Beco da Lama, Evaristo de Souza termina uma partida de lasquinê e depois irá. Os do Gango pega-fogo – Zé Areia e asseclas, não irão, estão de meio-lastro e já se recolheram. Nas sombras da Tavares de Lira, apenas a luz amarela e mortiça de alguns postes da Força e Luz testemunha o encontro de uma mulher-dama com o seu garachuê. Um único táxi gemecê preto os espera.

-De sua rede grande avandada Paulo Zoia ressoa, e na quietude da madrugada apenas Gibi e Shazan barulham nas tábuas do



sobrado da Junqueira Aires. Cascudo faz que dorme. Seus cachorros peraltas ainda brincam. Lembra sua tia Guilhermina quando retornava de uma visita e na rua Jundiáí fora acoçada por um cachorro e tivera grande susto. Determinado a envenená-la com estricnina, desistiu e perdoou-o por ser cego, apenas cumpria instintos de defesa por alguém que se aproximava. E assim, o senhor de tantos monstros lindos acendeu seu último “Daneman” antes da chegada dos primeiros sonhos.

-A mesa, “au grand complet”. Uns tomam conhaque, Zé Alexandre prefere cerveja. Entre um e outro uísque, Roberto Freire se esbalda em gracejos e capilossadas. Há um perfume de fritada de siris e

camarões no ar. Evaristo, com um pacaia pela metade dos lábios, dedilha ora uma modinha ora uma barcarola. É quase manhã que se avizinha, mais ainda é festa e haverá uma última guachemonha.

-A benção, Cascudo! – Deus te abençoe, cabeça de boi! – É Roberto Freire que fora acordar o Mestre. Sob diversos e estapa-fúrdioš argumentos, leva Cascudo a um passeio logo cedo, raiar do dia. Encontrando as pequenas mercearias abertas compra coleira e corrente. Indagado, responde que é encomendada de uma pessoa a quem logo entregará os objetos. E seguindo adiante, perto da Tavares de Lira revela a verdadeira intenção: deve levar Cascudo de coleira ao pescoço puxado pela corrente para dentro da peixada, senão pagará toda a despesa. Cascudo aquiesce, entendedor da fanfarras e entra, majestoso e submisso, cão de sí próprio, saudando os brincantes, entre apulpos e canalhices dos presentes. A aposta fora ganha. Roberto Freire e Luis de Barros ainda sairão pelas pequenas e pobres esquinas da cidade para travarem a guerra dos cuscuzes. Ganha quem acertar mais cuscuz na cara do outro. E não vale acertar no nariz.

Aroldo Martins



SALESIANO  
NATAL

Há 70 anos, educando e evangelizando  
a juventude potiguar.

Colégio Salesiano São José - Natal/RN

www.salesianonatal.com.br - salenatal1@digi.com.br

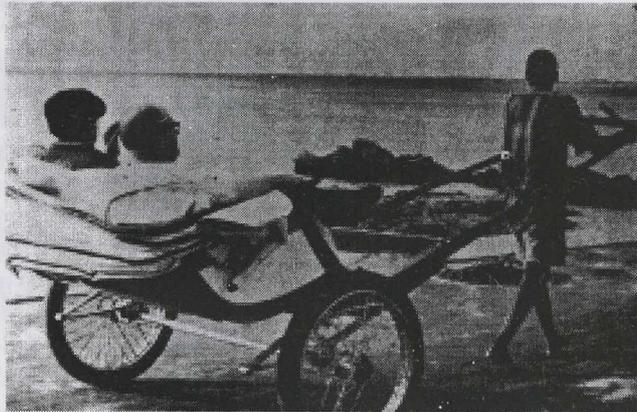
Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Tel: (84) 3211-4220

## Um dia entre outros dias

É sempre assim na sucessão de viagens que faço pelo interior do estado, buscando salvar o que ainda existe da rica Cultura Popular do Rio Grande do Norte, sob o aspecto imaterial. São sessenta cidades visitadas, dando prioridade ao que chamamos de centros de resistência cultural, incluídos a Grande Natal, regiões do Agreste, Trairí, Potengi e com algumas visitas ao oeste.

Todo este trabalho nos deu a oportunidade de registrar, documentar, verbetizar, mais de trinta grupos folclóricos, com artistas populares, entre violeiros, cordelistas, romancistas, artesões e mestres do teatro de bonecos. Esta pesquisa é resultado de um projeto da Fundação José Augusto, que pretendemos ampliar, percorrendo todo o Estado. Aí então estará salvo praticamente, se não todo, mais uma amostragem bastante significativa do rico universo popular folclórico, que ainda se constitui qualitativamente falando no mais importante acervo cultural do Brasil.

E você leitor deverá indagar: e Cascudo, Veríssimo de Melo, Deífilo Gurgel? Veríssimo, um homem inteligente dedicado, competente pesquisador, navegou pelo mundo da cultura popular e salvou o folclore infantil do esquecimento, ninguém depois de Veríssimo falará sobre esta temática sem consultá-lo. E o não menos inteligente Deífilo Gurgel? Este sim! Ninguém mais que ele pesquisou tanto sobre a rica e bela cultura do Rio Grande do Norte. Aplausos para ele! Cascudo, um gênio. Estudou, criou conceitos, defendeu pontos de vistas acatados por pesquisadores do Brasil



Câmara Cascudo na África

e do Mundo. Foi o primeiro estudioso brasileiro a defender o folclore enquanto ciência, uma tese revolucionária provando que existe um fato folclórico que se sustenta na antiguidade, anonimato, divulgação e persistência, deixando claro que o folclore é o popular, mas nem todo popular é folclore, isto nos idos de 1941. Estes novos estudos do mestre brasileiro é o começo da glória, da respeitabilidade, da notoriedade, do reconhecimento, de um dos mais importantes homens de cultura do Brasil e do Mundo. A Europa e as Américas através de grandes nomes como Dom Miguel de Unamuno, mestre de Salamanca, que considerava sua obra “uma visão colorida do folclore Brasileiro”; Levy-Bruhl, catedrático da Sorbone, definiu-o, ainda no início dos seus estudos, como um jovem e brilhante mestre dos estudos do Folclore americano; Fernando de Castro Pires de Lima, de Lisboa, emite seu testemunho: “Os trabalhos folclóricos do Mestre podem considerar-se clássicos”. E mais “ninguém pode honestamente falar ou escrever sobre folclore luso-brasileiro

sem citar Luís da Câmara Cascudo”; “Maestro do Folclore das Américas”, diz Augusto Raúl Cortazar, de Buenos Aires. E continuou o coro dos elogios e louvações de mundo à fora

O escritor paraibano Ademar Vidal num trabalho que publicou na “Revista do Livro”. (Rio de Janeiro, 1967) sobre “Mário de Andrade e o Nordeste”, afirmara: “Já de Natal vinha o andejo, e era um

prazer ouvi-lo quando se referia ao querido amigo Luís da Câmara Cascudo, nos costumes de nordestino enraizado: típico gênio irrequieto e construtivo”. Ainda nesta revista descreve outro julgamento de Mário de Andrade, que esteve no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, acompanhado do crítico de arte Antônio Bento de Araújo Lima, 1928-1929. “Um perfeito exemplar da raça”.

Vêm as viagens ao exterior, principalmente Portugal e África, onde estudou, anotou e recolheu um farto material que resultou em clássicos como “Made in África”, a experiência de um pesquisador nos lados de lá do Atlântico. “História da Alimentação no Brasil”, outro clássico, uma profunda pesquisa sobre a alimentação em suas normalidades, variedades, no tempo e no espaço, entre povos. Essas obras são múltiplas, ricas de informações, de flagrantes, nascidas nos embalos das sereias de Angola, Quianda, Quitulá, habitantes de mares, rios, lagos, montes e matas das terras de lá.

Severino Vicente

**Colégio Marista  
de Natal**



**MARISTA**  
Nossa tradição é inovar

RUA APODI, 330 -TIROL - NATAL/RN  
www.marista.com.br/natal

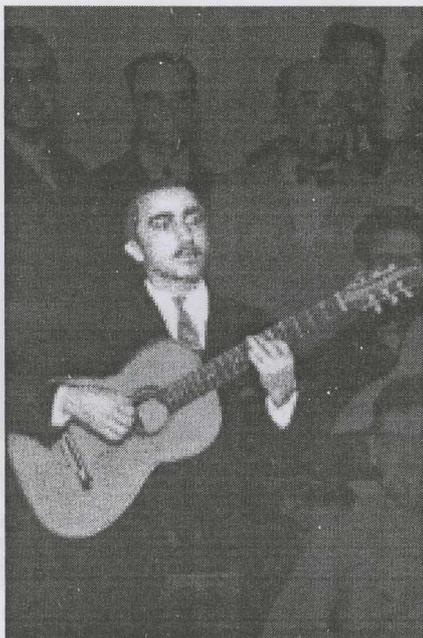
TEL: (84) 4009-5000 | FAX: (84) 4009-5010  
marista.natal@marista.edu.br

## O inventor do violão elétrico

O violão elétrico, que evoluiu para a guitarra e tanto sucesso fez nas mãos do rei do Rock'n Roll, Elvis Presley e dos Conjuntos The Beatles, Rollyng Stones e tantos outros, foi invenção de um potiguar nascido na cidade de Macau-RN, em 15 de julho de 1908.

O Macauense Henrique Brito, irmão do poeta Abner de Brito e do músico e compositor Pedro Brito, mudou-se para Natal ainda criança, passando a residir à Rua Princesa Isabel, nº 438, no bairro da Cidade Alta. Aos doze anos, através de uma bolsa de estudos, transferiu-se para o Rio de Janeiro, matriculando-se no Colégio Batista, no bairro de Vila Isabel. Naquele Colégio tornou-se amigo de Carlos Alberto Ferreira Braga, o "Braguinha", ficando conhecido pelos amigos pelo epíteto de "violão". Em 1928, já com vinte anos, passou a integrar o Conjunto amador chamado *Flor do Tempo*, formado com ele ao violão, João de Barros, pseudônimo de "Braguinha" (violão e vocal), Álvaro Miranda Ribeiro o "Alvinho" (violão e vocal) e outros amigos do bairro boêmio de Vila Isabel. Um ano depois este conjunto veio a se profissionalizar com o nome de *Bando de Tangarás*, formado por Henrique Brito, "Alvinho", "Braguinha", acrescido agora dos talentosos Noel Rosa (violão), Henrique Fôreis Domingues o "Almirante" (pandeiro e vocal). Este Conjunto gravou vários discos pela Parlophon, subsidiária da Odeon.

Desde 1929, Henrique Brito demonstrava seu descontentamento com o som dos violões comuns. Dando vazão ao seu instinto de inventor, este norte-rio-grandense

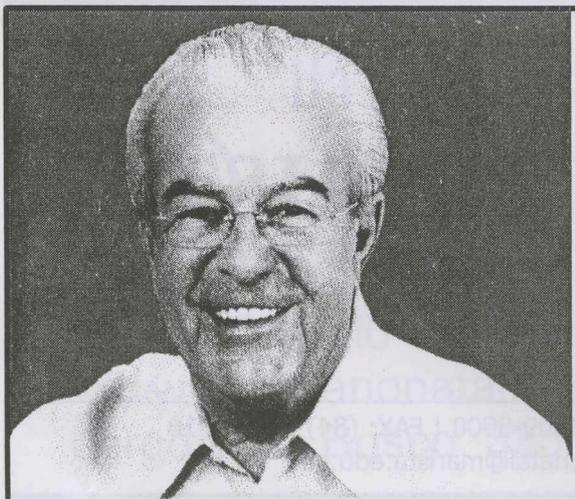


cheio de musicalidade criou a *Violata*, uma espécie de violão feito com lata de querosene. Impressionado com o cinema falado, buscou uma forma de ampliar do som das cordas do violão já que se mostrava insatisfeito com os sons emitidos pelos violões normais. Na busca desta ampliação ele adaptou um amplificador ao seu violão. Esta idéia foi apresentada a vários técnicos brasileiros que não se interessaram pela novidade. Quando o Conjunto *Bando de Tangarás*, encerrou as suas atividades em 1931, Henrique Brito passou a integrar a Banda *Brazilian Olympic Band*, dirigida por Romeu Silva, que viajou em 1932 para Los Angeles nos EEUU. Leide Câmara, autora do *Dicionário da Música do Rio Grande do Norte*, informa que "Almirante", no livro *No Tempo de Noel Rosa*, registra que o Brasil enviou uma embaixada, para participar dos Jogos Olímpicos nos Estados

Unidos, nesta oportunidade, o nosso destacado músico seguiu no vapor "Itaquice", como membro da citada Banda *Brazilian Olympic Band*. Ao terminar a temporada, quando a Banda já estava embarcada para regressar ao Brasil, Henrique Brito querendo permanecer naquele País, e, alegando ter esquecido o violão em um bar próximo ao cais, desembarcou não regressando a embarcação. Nos Estados Unidos, apresentou a idéia de adaptar um amplificador ao violão, a um fabricante de instrumentos musicais em São Francisco, (possivelmente a fábrica Gibson). A fábrica aprovou a sua invenção e patenteou o instrumento, presenteando Henrique Brito com o primeiro violão elétrico fabricado da história da música.

Henrique Brito regressou ao Brasil, mais precisamente ao Rio de Janeiro, no ano de 1933, com o primeiro violão elétrico fabricado no mundo, protótipo da guitarra elétrica. O que se lamenta é que o instrumento fabricado de acordo com a idéia, deste destacado *Potiguar*, não tenha recebido a patente em seu nome. Este grande violonista e compositor Norte-rio-grandense, autor de várias composições como *Nana*, *Alice*, *Saudades do Norte*, além de dois clássicos da música popular brasileira, *Flor do Tempo* e *Queixumes*, esta última em parceria com Noel Rosa, faleceu, no Rio de Janeiro, em 11 de dezembro de 1935, sem receber, do mundo da música, os merecidos méritos por sua singular invenção.

*Manoel Procópio de Moura Júnior*



# FERNANDO

# O Senador 144 da Cultura



## Queixumes

*Sem estes teus lindos olhos  
Eu não seria um sofredor;  
Os meus ferinos abrolhos  
Nasceram do nosso amor.  
Eu hoje sou um trovador  
E gosto até de assim penar,  
Vou te dizer os meus queixumes,  
Ciúmes  
Eu tenho do teu olhar*

*Quero sempre te ver junto a mim,  
Por que te esquivas assim,  
coração,  
De uma paixão?  
O teu olhar traz alegria  
Mas também traz o amargor,  
Sem ele então não viveria,  
Vida não há sem dor.*

*(Canção de Noel Rosa &  
Henrique Brito) 1929*

## Jesuíno

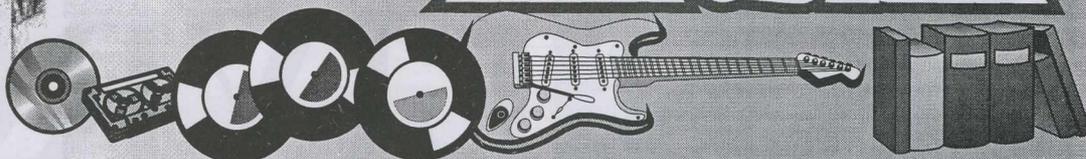
*Riograndino  
Comedor de camarão  
Minha nação é a tribo potiguar  
Maçaranduba, quixabá  
Manipoeira, estrada  
Lamparina, "chucal véi"  
Lazarina, caçuá.  
Do folclore  
Vim do livro de Cascudo  
Meu violão não é mudo  
Canto madrigal  
Deus do mar  
Abraça meu torrão Natal.  
Tonheca sopra no vento a canção  
Djalma, estrela nova a brilhar.  
Sou pirilampo, passista, araruna  
Mestre Lucarino e seu cantar  
Assis Marinho uma ceia n'outro plano  
Zila Mamede nos braços do oceano.  
Sou João Gualberto  
Sou potiguarino  
Sou quem mata a fome  
Eu sou Jesuíno.  
Eu não tenho nada  
Só sei cantar  
A canção da estrada  
Desanuviar*

*Terto / Zé Fontes*



- GALERIA DE ARTE
- Cd's
- LIVROS
- DISCOS
- INSTRUMENTOS MUSICAIS

# SEBO AMORIM



Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN - CEP 59085-120 - Fones: 3221.3717 - 9973.9423 - 3206.2790

## O combate de Montese

Entre os registros dos maiores fatos históricos do Exército Brasileiro, destaca-se com expressiva grandeza o combate de Montese ocorrido entre os dias 14 a 17 de abril de 1945, no início das operações da Ofensiva da Primavera, que viria precipitar a capitulação das forças do Exército Alemão na frente italiana, na Segunda Guerra Mundial.

O maciço de Montese, sob o ponto de vista topográfico, integra enorme conjunto de grandes elevações no sistema montanhoso da cadeia apeniana, em cuja parte central se localizam as regiões da Toscana e da Emilia, esta, declinando para o Vale do Pó. Nesse setor ouriçado dos Montes Apeninos, com altitudes variando entre 700 a 1.000 metros, se encontravam distribuídas em larga frente as unidades de combate do IV Corpo do Exército, entre outras a Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, cujo efetivo contava com grande número de Guerreiros Potiguares distribuídos entre suas unidades. Nas regiões mais baixas pequenos vales banhados pelos rios Reno, Marano e Panaro, completavam o palco estratégico onde a luta se desenvolvia com extrema violência.

Vitoriosa nos recentes e



duros combates de Monte Prano, Barga, Castelnuovo, La Serra, além da derrota infligida aos alemães no temível baluarte de Monte Castelo, na jornada de 21 de fevereiro, a Divisão Brasileira, face aos repetidos sucessos obtidos contra o inimigo, passou a ser alvo no âmbito do IV Corpo de Exército do mais elevado conceito entre as grandes unidades do V Exército norte-americano, sendo, por estas justas razões, lhe atribuído o privilégio da missão de atacar e expulsar os alemães do seu novo reduto instalado em Montese, posição considerada de grande importância estratégica, situada no centro da linha defensiva germânica conhecida com "Gengiscã", de-

terminada a barrar o acesso das forças aliadas à cidade de Bolonha através da rota 64.

Compunha o maciço de Montese um conjunto de grandes e irregulares elevações, destacando-se nessas alturas ocupadas pelos alemães—Monte Buffoni, Montello, Serreto e Paravento e ainda, na parte sul do maciço, ocupando uma elevação de forma arredondada e mediana extensão, a pequena cidade de Montese, habitada por camponeses.

Nos dias 12 e 13 de abril, intensificam-se os preparativos para o ataque. O movimento de viaturas do Serviço de Intendência durante toda a noite foi intenso, transportando suprimentos essenciais à manutenção da tropa na frente de combate. No correr do dia 12 até o dia imediato, grupos sucessivos de civis, quase a totalidade de velhos, mulheres e crianças, as maiores vítimas da guerra, procuravam abrigo no setor brasileiro onde eram recebidos carinhosamente, sendo encaminhados ao serviço de recepção de refugiados. O comando alemão da área conflitada, certamente antevendo a gravidade da luta que se prenunciava, havia providenciado, corretamente, a evacuação da cidade, livrando sua pequena população de uma tragédia maior.



Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05  
Lagoa Nova - Natal/RN - Fone: 3206-9099

Praia Shopping - Loja F5/6  
Natal/RN - Fone: 3206-9099

**A.S. LIVROS**

No dia 14, as primeiras horas da manhã, a Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira, dá início ao combate, precedendo com violento fogo de barragem o avanço da infantaria, Morteiros e metralhadoras ponto cinquenta das unidades em ação, completavam com eficácia a missão dos artilheiros. Esquadrilhas do Primeiro Grupo de Caça da Força Aérea Brasileira, apoiando as forças de terra, bombardeavam e metralhavam incessantemente as posições defensivas do inimigo que reagia bravamente. As contínuas e ensurdecidas explosões, provocadas pelo duelo de artilharia e morteiros, o ronco dos aviões em vôos rasantes sobre o maciço, largando suas bombas de alto poder explosivo e destruidor, concomitante com o pipocar incessante das metralhadoras; o cheiro da pólvora queimada; as densas nuvens de poeira e fumaça, envolvendo toda a área conflagrada, fazia crer que o inferno era ali.

Por volta de uma e meia da tarde a Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária, lança dois batalhões do 11º Regimento de Infantaria em primeiro escalão os quais, bem coordenados e com elevada moral, arremetem impetuosamente em ataque frontal às posições fortificadas da linha de

defesa alemã, instaladas no centro do maciço de Montese.

Progredindo em terreno profusamente minado, a infantaria brasileira não se detém ante a fúria das armas automáticas da resistência inimiga. A defesa germânica reage com todo seu poder de fogo, procurando em vão, a todo custo, deter o ímpeto da vanguarda das tropas brasileiras.

Pelas 15:00hs, os primeiros pelotões se acercam da periferia da cidade de Montese e logo penetram no seu interior obrigando seus defensores a recuar para outras posições ainda na área do maciço. Na noite de 14 para 15 a artilharia adversária castigou com redobrada violência as posições recém conquistadas pelos brasileiros. O arrebatamento das bombas de grosso calibre, além dos atordoantes estrondos provocavam grandes clarões iluminando os escombros do casario, tornando macabra a visão da pequena cidade, enquanto os canhões da força aliada respondiam o fogo alemão nas mesmas proporções violentas.

No dia 16 a luta recrudescer chegando a atingir, guardadas as devidas proporções, o clímax das grandes batalhas. O considerável número de baixas – 426, entre mortos, feridos e extraviados, demonstra, evidentemente, o grau de violência do

combate. A pertinaz resistência dos alemães até o início da noite continuava nas alturas de Montello, cotas 888 e 927. Conforme declarações espontâneas de prisioneiros, os alemães já demonstravam evidentes manifestações de desgaste físico e material. Também, no âmbito da tropa brasileira se fazia notar entre os combatentes acentuados sinais de estresse de combate.

Na madrugada de 17 ainda havia luta no Maciço de Montese. No decurso desse dia o exército do eixo nazista abandonavam suas posições defensivas na região montanhosa da Itália, sendo perseguidos na sua apressada fuga em direção ao norte. No período foram feitos 453 prisioneiros.

A vitória de Montese, conquistada com elevado ônus de preciosas vidas e ingente sacrifício dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira, vem reafirmar mais uma vez a indiscutível eficiência do Exército Brasileiro, tradicional credor do maior respeito e extrema confiança do povo brasileiro.

Cleantho Siqueira

Veterano da FEB

COOPERATIVA CULTURAL UFRN

**Cooperativa Cultural Universitária  
do Rio Grande do Norte Ltda**

**SUA LIVRARIA NO CAMPUS**

Centro de Convivência Djalma Marinho, Sala 08 - Campus Universitário/UFRN - Lagoa Nova - CEP 59078-970

E-Mail: coop.livros@uol.com.br - Site: www.cooperativacultural.com.br

Fone: (84) 3211-9385

## Astros e estrelas de Hollywood em Natal



Kay Francis, Herbert Marshall e Myriam Hopkins, em filme de Ernest Lubitsch de 1932.

Às vezes, parece apenas uma lenda. Às vezes, imaginação fértil de escritores nascidos em Natal (seja Geraldo Edson de Andrade intitulado um dos seus livros de contos “O Dia Em Que Tyrone Power Esteve em Natal”; seja Berilo Wanderley “recebendo” Marlene Dietrich em sua casa em Natal, visita esta relatada em crônica para jornal natalense). Mas a verdade mesmo é que alguns astros e estrelas do céu hollywoodiano, passaram pela capital potiguar, nos anos em que a cidade estava cheia de pracinhas americanos a mobilizarem uma máquina de guerra, tendo uma base aqui como abastecedora dos aviões que iam para o front.

Em livros, ou outros meios de comunicação, já foi dito que estiveram alguns dias ou passaram por Natal, nos anos 40 do século passado, os seguintes atores: Clark Gable, Tyrone Power, Rodolfo Valentino (difícil este, pois faleceu antes), James Stewart, Humphrey Bogart, Henry Fonda, Buster Crabbe, Bruce Cabot, Joel McCrea, Nelson Eddy, Fredrick March, Jack Benny, Don Ameche, Franchote Tone, Joe E. Brown (o “Boca Larga”). Dentre as atrizes: Jeanette Mac Donald, Paulette Godard, Ilona Massey, Martha Ray, Kay Francis.

Se se fizer uma pesquisa aprofundada nos jornais da época,

encontrar-se-á a confirmação de algumas presenças. Joe E. Brown, por exemplo, que no livro “Natal, USA”, de Lenine Pinto, é descrito como biritando num bar da Rua. Dr. Barata, em cena flagrada por Luiz G.M. Bezerra, de fato passou por aqui, em Novembro de 1943. O jornal “A República”, de 14 de Novembro de 1943, registra: “Continua ainda nesta capital, tendo ontem passado pela cidade o conhecido ator cinematográfico Joe E. Brown, que em Parnamirim teve oportunidade de realizar animado show para os soldados ali acantonados. O popular e festejadíssimo ‘Boca Larga’ participou, ontem, de um animado banho na praia de Areia Preta, e em seguida almoçou no restaurante ‘Lido’, sendo ali, como na Rua Dr. Barata, cercado de grande número de fãs.

O comediante do cinema norte-americano concedeu autógrafos e posou para os fotógrafos em companhia de diversos populares. Antes, haviam transitado por Natal os artistas Jekie Coogan e Joel Mac Crea, este último em dias da semana passada.”

O motivo da passagem de alguns destes atores por Natal, era devido ao trabalho não artístico, já que eram também pracinhas. James Stewart e Henry Fonda, por exemplo, com certeza foram vistos no cassino de Natal, pois o que não falta em suas biografias são fotos deles vestidos com

farda militar de verdade, se preparando para os combates Atlântico a fora.

Dentre as atrizes, uma que pode ser comprovado documentadamente que passou por Natal foi Kay Francis, a estrelinha do filme “O Homem Que Se Perdeu”, dirigido por Edward Ludwig. Em Maio de 1945, quando a guerra estava perto de terminar, ela passou por Natal (talvez ainda com aquele objetivo de imprimir na mente dos natalenses a ideologia e as imagens do seu país). Venturelli Sobrinho era um militar brasileiro, colaborador do jornal “A República”. Encantou-se com ela, e escreveu um artigo com rasgados elogios, para o jornal. A atriz, emocionadamente grata, escreveu uma carta ao militar jornalista. Em “A República” de 06 de Maio de 1945, era publicado:

### Uma estrela em Natal

Em agradecimento ao ‘suelto’ que com o título acima nosso colaborador Venturelli Sobrinho homenageou Kay Francis, pelas nossas colunas, no dia 24 de Abril findo, a brilhante estrela de Hollywood enviou-lhe de Parnamirim, por intermédio do Capitão Thomas Lee, distinto aviador americano e tradutor do ‘suelto’ para o inglês, a seguinte missiva, que traduzimos daquele idioma:

‘United States Army, 30-4-45. Caro Major Venturelli: Acabo de regressar a Natal, para uma curta parada, e, antes de continuar minha ‘tournee’, mostraram-me uma tradução do seu artigo publicado no seu jornal (‘A República’). Esta constitue uma pequena e inadequada nota de agradecimento, pois desejava a oportunidade de demonstrar-lhe pessoalmente o meu apreço, mas sou obrigada a continuar minha viagem. Possivelmente, alguma vez no futuro, ainda o encontrarei. Espero sinceramente que o seja.

Cordialmente,  
Kay Francis”.

*Anchieta Fernandes*

## Jandí sem fim

O mundo indígena permanece sendo um dos maiores mistérios para todas as gerações brasileiras e latino-americanas, inclusive as que se dizem modernas, conscientes, avançadas e responsáveis pela evolução cultural da atualidade, assim como do passado.

- Quais os fatos que caracterizam esta situação?

A confirmação deste quadro negativo e alienado – reside, sem dúvida, em toda a dimensão da história – desde o seu princípio até os dias atuais, sem haver indicações de que já houve ou vai acontecer alguma mudança.

Esta questão não é de brincadeira, tampouco de somenos importância para a cultura e a história que vem sendo feita no decorrer dos cinco séculos em que os indígenas foram extintos na sua quase totalidade.

Isto revela, também, que o sentido brasileiro de humanidade, apesar de ter sido herdado dos europeus, não oferece projeção social, cultural e política, pois foi estacionado ou interrompido no passado.

A prova maior deste caos vem sendo constituída de numerosos fatos, bastante conhecidos por analistas, sem haver o estudo acerca de suas causas e efeitos, menos ainda quanto a interpretação deles nas três linhas do tempo.

Aos 12 anos de idade, a menina Jandí – 1825 saiu correndo, chorando e gritando pela mata das serras de Portalegre – RN, depois que viu a sua avó assassinada de punhal no peito

pelos colonos estabelecidos naquela área.

Desde então, nunca mais houve notícias dessa criança inocente, filha de casal indígena, excluída da civilização, segundo as normas dos



costumes lusitanos e europeus exportados para o continente americano.

Na guerra do Vietnam, outra menina – 1975, coberta de chamas, correu pelas ruas da cidade, chorando e gritando, pedindo socorro contra o fogo que queimava sua pele e cabelos, sentindo que a morte estava próxima.

Jandí ficou no abandono, esquecida pelas gerações, porém, a menina vietnamita conseguiu recuperar-se, ainda está viva ou ressuscitou daquele Inferno criado, não pelos “senhores dos mares”, mas por norte-americanos.

Hoje em dia, com situação semelhante a Jandí – estão as meninas abandonadas, de famílias sem as condições de respeitá-las, motivos pelos quais elas vivem na droga e prostituição, passando fome e outras necessidades, no mundo da miséria.

Depois de 180 anos, temos poucas transformações capazes de fazer com que a pessoa humana seja a consequência de uma sociedade digna, justa e feliz, visando ao bem-estar que engrandece o individual e coletivo.

Quando tivermos a coragem de analisar esses passos iniciais da história que fazemos, então poderemos saber e conhecer algo mais do presente e futuro em que estamos ou seremos no plano da humanidade.

Se formos considerar, neste momento, outros acontecimentos relacionados com os indígenas “sem rei e sem lei”, tidos na qualificação de “animais ferozes” – vamos encontrar a negação sistemática do homem pelo homem na área do Nordeste, onde este país nasceu.

Os homens selvagens foram, na sua maioria, extintos, massacrados ou mortos, mas continuam vivos na base genealógica em que se originou a nação brasileira, mesmo levando em conta a presença de outros povos.

Para que a mancha do extermínio seja apagada – seria indispensável o recuo a cinco séculos, pelo menos, de maneira coerente sobre a origem ou raiz da árvore – Brasil.

Arlindo Freire

O JORNAL GALANTE ESTÁ DE VOLTA.

**Galante**

**CULTURALMENTE ATUANTE!**

PROJETO  
N A G A O  
**Potiguar**  
Scriptorin Candinha Bezerra  
FUNDACÃO HÉLIO GALVÃO



## A corrida dos caranguejos

**Q**uando Alfredo Getúlio Cavalcante de Souza dividiu suas terras em lotes e os vendeu a preço de banana, não poderia imaginar que nasceria ali, em homenagem a Rádio Nordeste, compradora majoritária dos lotes de Alfredo, o bairro Nordeste e sua molecada da maré. O bairro Nordeste está localizado na margem direita do rio Potengi, um vizinho ilustre, sempre generoso na sua geografia e um companheiro inseparável das aventuras dos meninos traquinas do bairro, do qual, me recordo fazer parte da quase totalidade destas brincadeiras vivenciadas no rio ou na maré como era chamado por nós. Aventuras na sua maioria boas, mas recordações de perda de amigos por afogamento, também habitam as lembranças deste, como dizia o estereótipo da época, marezeiro do bairro Nordeste.

Das aventuras na maré, a mais esperada ocorria uma vez no ano, na segunda semana de janeiro, após a lua cheia. Nesta data um grande espetáculo era encenado no mangue, tudo patrocinado pela natureza, a chamada "corrida dos caranguejos". A corrida começava, após a maré mais alta de janeiro. Nesta época caranguejos saem de suas tocas, embriagados, letárgicos e exibicionistas, para a todo custo,



tentar perpetuar sua espécie. A corrida é o acasalamento em massa do crustáceo. Longe de suas tocas e levados pelo rio, os caranguejos proporcionam um espetáculo único, todo o pântano cinzento e verde transforma-se em um mosaico onde, estes atores coloridos, aproveitando os bancos de areia formados pela maré baixa, desfilam para todos os lados em busca de uma fêmea. Os marezeiros aproveitam a festa dos caranguejos, a embriaguez causada pela maré alta e pela fadiga de suas longas caminhadas em busca de uma parceira e, como penetas, apenas recolhem os protagonistas, aprisionando-os em sacos de estopas. Depois de um dia de pesca, escolhe-se um abrigo qualquer e a caranguejada varre a noite na com-

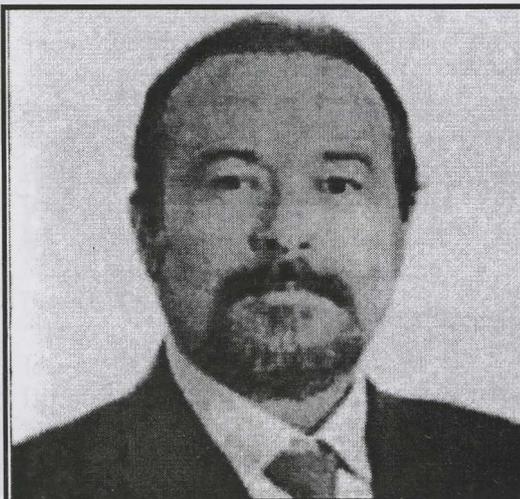
panhia de muita cachaça. Houve tempos em que se podia facilmente encher um saco de estopa de caranguejos.

Hoje a corrida acabou, marezeiros profissionais juram que os caranguejos ainda correm, mas não como antes, quando entravam em nosso quintais e, ao contrário do que parece, o desaparecimento da espécie no rio potengi não se associa à pesca predatória na corrida. Depois de acasalar, o macho adulto fica esgotado, é capturado por predadores ou morre nas patas dos machos em acessão. O impacto da

pesca na corrida é mínimo. Os curtumes que funcionaram no lugar e a carcinicultura que além de desmatar o mangue, envenena a água da maré, matando os micros organismos responsáveis pela saúde do ecossistema, são os verdadeiros vilões do caranguejo.

Tenho certeza que não tem mais caranguejo abundante no rio Potengi, fica as saudades dos tempos de marezeiro e da última vez que cortei meus pés em ostras, pescando caranguejos. Em 1992, vi minha última corrida, no ano seguinte, nos mesmos pontos de pesca abundante de outrora, já não existia mais caranguejos no rio Potengi.

Severino Vicente



# Augusto Maranhão

## 361 PTC

O Senador de seu povo, sua gente e das riquezas do RN.

## Um custo alto da vaidade



**N**ão sou um homem de muita fortuna, não tenho curso universitário, apenas cursei o primeiro grau, mas preciso “aparecer”, ser admirado e ter ou cultivar alguma coisa que desperte nos outros que eu sou diferente e talentoso.

Comecei a pensar e me veio uma idéia: poderia cuidar de uma “raridade”, isto é, de algo que ninguém tivesse na minha terra. Lembrei-me em colecionar fotografias de personalidades importantes no mundo artístico, econômico, político e intelectual. Depois soube que já havia alguém fazendo isso. Desisti. Passei a imaginar outras alternativas. Com o pensamento, pulei muitas, mas parei numa. Veio-me a notícia de que havia na Itália um criador de cavalos nanicos brancos. Investi muito dinheiro, importando um plantel de dez exemplares dessa linhagem equídea.

A imprensa falada, escrita e televisada estava no aeroporto, esperando a chegada dos cavalinhos e uma multidão se acotovelava para ver também

esse bonito plantel. Era, na verdade, uma raridade aqueles cavalinhos brancos na nossa região.

Ao desembarcarem, os cavalinhos eram aplaudidos como se fossem pessoas importantes. Levei-os para um galpão grande com baias e cochos, construídos com todos os requintes zootécnicos. Já havia um tratador prático para cuidar dos animalzinhos, com a orientação técnica de um veterinário.

A cidade próxima da fazenda passou toda a visitar os lindos cavalinhos. Ficaram conhecidos por toda a população. A notícia da beleza e a raridade do plantel corriam o Estado e o país. Todos queriam conhecê-los. O tempo passava e as despesas eram cada vez maiores. Eu já começava sentir minhas economias se esaurindo. Contudo, eu gostava da notoriedade e do “aparecer”, o que me forçava arranjar um jeito de manter os animais. Eles me proporcionavam muitas alegrias e orgulho, eu estava me tornando um homem famoso, não podia mais recuar, tinha que

continuar alimentando minha vaidade vil.

Algumas fêmeas procriaram lindos exemplares, mas eu não conseguia vendê-los. O poder aquisitivo dos nossos criadores era muito baixo. Os cavalinhos eram montados apenas por crianças, não tinham uma finalidade econômica viável para a região. Sua utilidade econômica não existia, pelos menos, para a região. Embora os equídeos estivessem se dando muito bem no novo clima.

Para minha surpresa, um dia, pela manhã, encontrei-os todos mortos e o tratador também. Feito um exame de autópsia, fora constatado envenenamento com inseticida misturada com a ração. O tratador havia cortado os pulsos, provavelmente, quando se deparou com o triste quadro!

Quase morri. Fiquei pobre e logo se esqueceram de mim.

*Paulo Pereira dos Santos*

**sinsenat**

Filiado à CUT

**APOIO À CULTURA POTIGUAR**

**UM SINDICATO DE LUTA - FILIE-SE 3221.4298**



**GALVÃO  
MESQUITA  
FERRAGENS**

**FERRAMENTAS CERTAS, EMPRESAS FORTES**

**FONE: 3211-5180**

**WWW.GALVAOMESQUITA.COM.BR**

# Igualdade Racial

**I** Ministério da Justiça através da Secretaria para a Promoção da Igualdade Racial, promoveu em junho do ano passado a Conferência Nacional para a Promoção da Igualdade Racial realizada em Brasília precedida por conferências estaduais e municipais que aconteceram em clima de discórdia e protestos iniciados na conferência municipal onde os representantes indígenas e ciganos não foram convocados o que gerou protestos quando a mesa das autoridades foi composta sem os representantes desta etnia. Na conferência estadual os caboclos de Caraúbas se retiraram e os ciganos e os outros grupos de representantes indígenas abordaram a Secretária depois da solenidade insatisfeitos por que seus representantes não puderam, falar durante a solenidade. Na conferência nacional houveram protestos dos ciganos e os indígenas ameaçaram se retirarem e convencidos a não se ausentarem se puseram de pé e de costas para mesa das autoridades como forma de protesto



exigindo a criação de uma secretaria para assuntos indígenas já que estavam convencidos que aquela secretaria existe para cuidar dos interesses dos africanos, afinal são afrodescendentes a Senhora Secretária e todos os seus assessores e conselheiros como o caso de Leci Brandão que é conselheira.

Afirmções e posturas do chamado Movimento Negro Nacional levam a arenga cumprindo a

máxima de Maquiavel, “dividir para reinar” que muito interessa ao império de Tio Sam. Colem Páuer quando Ministro de Gorge Buchinho, disse que o Brasil deve ter muito cuidado com seus negros já que nossa população tem 45% de negros. O ministro de estado unidense repete uma afirmação do Movimento Negro que não tem lastro científico pois o IBGE não apresenta esta percentagem, mas apenas 5,4% de negros no senso de 1990.

Na cartilha remetida as escolas esclarecendo sobre a lei que obriga o ensino da cultura africana nas escolas brasileiras reafirma ser o Brasil povoado por uma população com 45% de africanos contando para isso com a porção da nossa população classificada pelo IBGE de “pardo”. O pardo não tem definição étnica, porém o Movimento Negro tem esta pretensão desde 1998, publicada no documento editado pelo ministério da Justiça chamado “Programa Nacional de Direitos Humanos” mas que nenhum respaldo legal existe confirmando essa possibilidade. Todos os seres pensantes se perguntam,



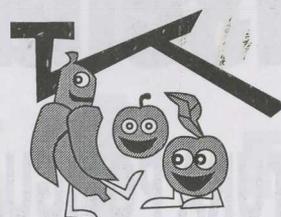
**Restaurante  
PALADAR TROPICAL**

Self Service com  
comidas regionais

**AOS SÁBADOS E DOMINGOS  
BUFFET ESPECIAL**

AV. PRUDENTE DE MORAIS, 1952  
TIROL - FONE: (84) 3221-5475

**A Ki - Tanda**



**DISKTANDA  
3223-3161**

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2419 - Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161

“quem perguntou aos pardos se eles querem ser africanos?” um descendente de índio também pode ser classificado de pardo.

O Rio Grande do Norte é o único estado da federação que tem a população com o número de pardo (60%) superior ao de brancos na média brasileira (56%) e onde o número de negros é a menor percentagem no país. Sabendo-se que nossa história conta dez cidades do estado nascidas a partir de aldeias indígenas é fácil deduzir que o número superior de pardos vem dessa população indígena assaz significativa. As pesquisas feitas pela UFMG pela equipe do Dr. Danilo Pena também contrariam as pretenções do partido pro Coleman Pauer, pois segundo a coleta de sangue feita em todas as capitais brasileiras nos dois últimos anos do século XX em convênio com a ONU, nas mostras colhidas no grupo dos chamados brancos, os exames de DNA mostram que são as mães indígenas que contribuem em segundo lugar para a formação deste grupo estando as africanas em terceiro lugar.

O que agrava a situação de discórdia é a forma de encarar a questão da identidade pois segundo seus gestos, o grupo étnico de um cidadão é definido por ele mesmo e o Movimento teima em “ajudar” na decisão, agindo semelhantemente

aos adeptos do protestantismo que tenta a todo instante convencer aos católicos abandonar a igreja que eles chamam de “Romaninha” e adotar as igrejas protestantes vindas dos Estados Unidos. Conta-se que em Alagoas, os Africanos já convenceram a uma tribo a se afirmar Quilombo, no Ceará quatro comunidades de remanescentes indígenas são classificadas como quilombolas no entender dos fanáticos do Movimento Negro.

Em nossa jurisdição as rusgas se atenuaram depois de muitas bodocadas e apesar de certas incoerências da entidade conhecida por quilombo (por exemplo é presidida por um protestante e como é notório, alguns babalorichás (pais de santo) em Natal estão sendo processados por pastores protestantes em função do uso de tambores). O engajamento de uma das diretoras é nitidamente fruto desta catequese racial, pois se vê que é uma remanescente indígena pelo seu cabelo grande, liso e muito preto, tez morena e dentes curtos em pinça e é tida por africana.

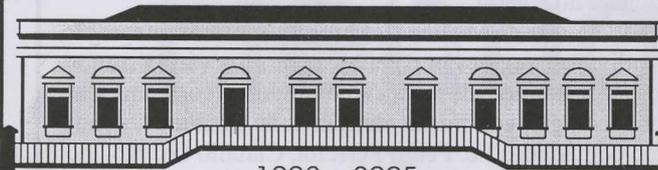
A Quilombo recuou diante do protesto do Grupo Paraupaba diante das investidas da entidade pro África na comunidade de Coqueiros em Ceara-Mirim já que alunos da UFRN pesquisaram e levantaram informações sobre a origem indígena daquela população. Outra pendência que esta em entendimentos é

o fato de dois antropólogos pro africanos terem apresentados ao INCRA uma lista de comunidades quilombolas onde figuram nomes de comunidades e localidades classificadas absurdamente de quilombo, como o caso do bairro de Mãe Luiza (onde existe uma tribo de índios carnavalesca de mais de 100 componentes), Redinha, Gramoré e Rocas e pasmem: “os Caboclos da Cachoeira” de Caráúbas, cujo nome denuncia o despropósito da afirmação.

Acreditamos que os africanos não sejam como o Rei Midas que torne africano tudo em que toquem. Se um pardo é o resultado do cruzamento das três raças, porque não ser classificado como indígena, afinal estamos na terra dos indígenas e não na África. Vamos respeitar os verdadeiros donos da casa, digo do continente americano, os índios. Mesmo tendo vindo como escravos, os africanos são tão estrangeiros quanto os europeus. O Brasil sempre foi dos índios e não é o maior país africano fora da África como o quer o Movimento Negro. Europeus e africanos, este ainda é o Brasil Caboclo e vai continuar sendo, veja que o IBGE registrou no último censo um crescimento de 150% na população indígena.

Aucides Sales

**104 anos**  
A mais antiga  
Instituição Cultural do Estado



1902 \* 2005

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE**

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

**Cata Livros**

DESDE 1970

**Compra, venda e troca de livros, discos, Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.**

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco  
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro  
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro  
Fone: (84) 3201-9087

# UM VOVÔ DE CARNE E TAL

José Marcial Dantas

Ai! que desgosto  
meus netinhos só nascem em agosto!

Nem trinta anos ainda  
o vovô já completara  
não é que sua filhinha  
nessa folia dançara  
e o resultado alarmante  
uma netinha ganhara

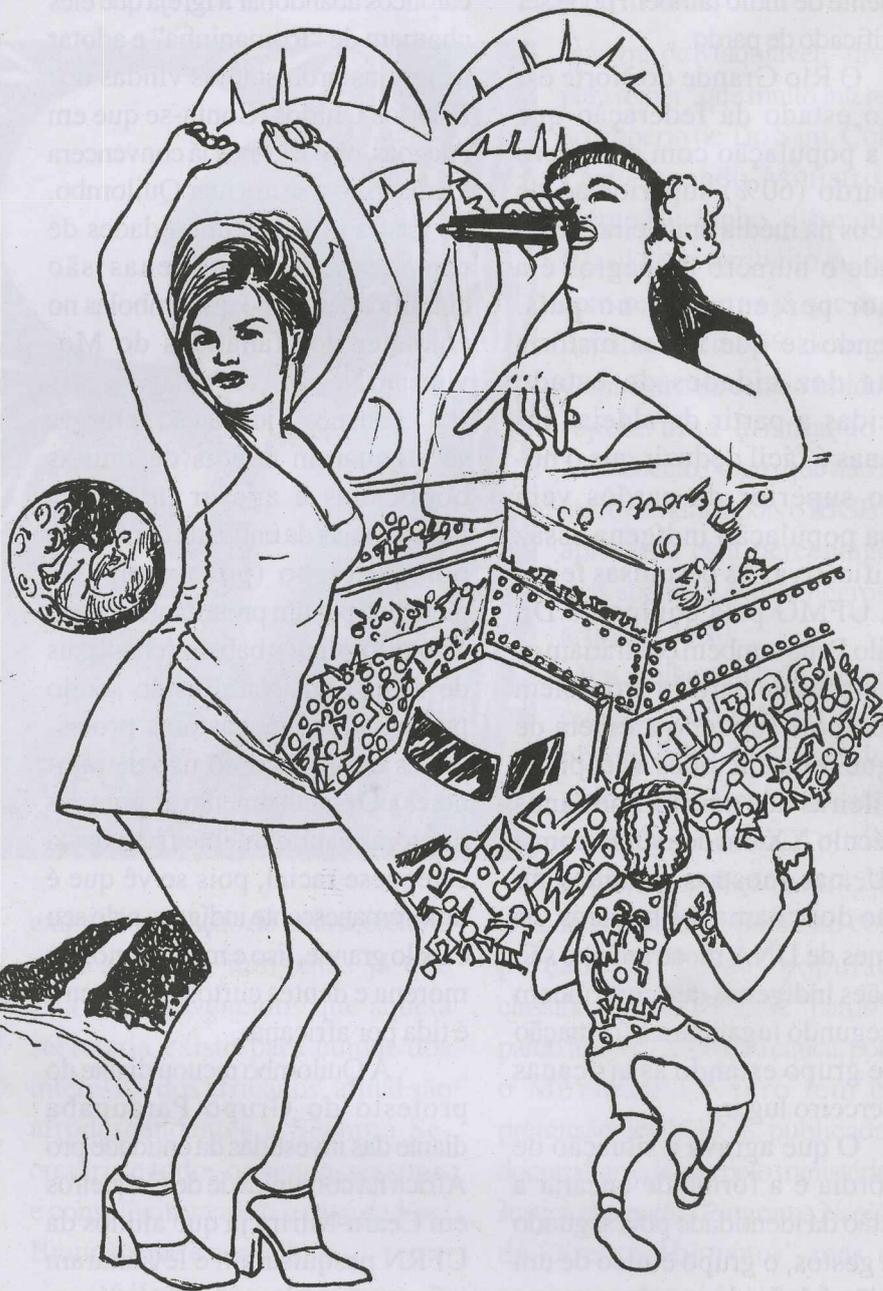
Um gringo "camaleão"  
todo cheio de tatuagem  
prometeu mundos e fundos  
passeios de carruagem  
pozinho de cocaína  
pornô de curta-metragem.

Carro com vidro fumê  
pula mais que folião  
vira motel do asfalto  
gera grande confusão  
pedofilia é barato  
sem ECA pra punição.

Dezembro é mês do Natal  
alegando esta cidade  
os gringos na Capital  
só curtem "felicidade"  
mais agosto é o mês fatal  
que aumenta a natalidade.

Quinze anos são passados  
da festa internacional  
crianças, jovens e adultos  
numa euforia geral  
pululam também os "pipocas"  
na micareta carne e tal.

Ai! Que desgosto malandro!  
Ser um vovô evoluído não é fácil.



Fundação José Augusto em parceria com a Federação das Bandas de Música do Rio Grande do Norte promovem no período de 17 a 22 de setembro de 2006, o Seminário Nacional de Bandas de Música do Rio Grande do Norte, que visa capacitar maestros e instrumentistas de bandas de música. A Fundação José Augusto já promoveu 11 (onze) Seminários de Música em diversas cidades do interior, tendo emitido mais de 4.000 (quatro mil certificados) e promovido importante integração entre os músicos de diversas cidades do Estado.

O Seminário Nacional de Bandas de Música visa promover maior integração entre as bandas de música das diversas regiões brasileiras, com seus vários ritmos, oferecendo cursos de capacitação instrumental, regência, harmonia, teoria musical, confecção de instrumentos, musicologia, editoração eletrônica de partituras, dentre outros. Como professores estão convidados Pe. Pedro Ferreira, Cláudio Galvão, etc. Maiores informações no telefone (84) 3223 5318 / 5319